



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 18 de setembro de 2025

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,06% São Paulo	142.272 15/9 16/9 17/9	R\$ 5,301 (+ 0,06%)	R\$ 1.518	R\$ 6,270	14,90%	14,90%	Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26 junho/2025 0,24 Julho/2025 0,26 Agosto/2025 -0,11
0,57% Nova York		Últimos					
		11/setembro 5,392					
		12/setembro 5,354					
		15/setembro 5,321					
		16/setembro 5,298					

JUROS / Em decisão unânime, Banco Central manteve a taxa Selic em 15% ao ano e ainda não descartou novo aumento dos juros básicos, se houver necessidade, surpreendendo analistas. Nos Estados Unidos, Fed reduziu a sua taxa em 0,25 ponto

BC mantém Selic e endurece discurso

» ROSANA HESSEL

Divulgação/BC

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu, ontem, por unanimidade, manter a taxa básica da economia (Selic) em 15% ao ano, como esperado em mais uma “superquarta” para o mercado financeiro, quando há decisões do BC brasileiro e do Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos). Contudo, o tom mais duro do comunicado surpreendeu alguns analistas.

O texto da nota divulgada após a decisão do Comitê reforçou o cenário de cautela do BC e deixou uma janela aberta para um possível aumento de juros, caso necessário. Com isso, a atual diretoria do BC — composta por sete diretores indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e dois diretores indicados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) — está mais conservadora do que a do BC de Roberto Campos Neto, antecessor do atual presidente Gabriel Galípolo, que vem surpreendendo os analistas pelo conservadorismo.

“O Comitê enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e que não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso julgue apropriado”, destacou o documento, que reforça incertezas internas e também no cenário externo, especialmente por conta dos Estados Unidos.

Na avaliação do economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, o comunicado do BC deu a entender que Galípolo está mais ortodoxo do que Campos Neto — que foi alvo de críticas insistentes de Lula. “O comunicado soou mais ortodoxo na parte final, com



O Copom com Galípolo, que tem sete integrantes indicados por Lula, demonstra ser mais conservador do que nos tempos de Roberto Campos

tons de preocupação ao longo de todo o texto, sem abrir espaço para dúvidas. Mesmo assim, o cenário segue sendo de queda das expectativas, o que deve fazer com que a taxa real siga alta, mas a nominal possa começar cair no ano que vem”, afirmou Vale.

O consenso do mercado é de uma redução gradual nos juros a partir do início de 2026, ano eleitoral, quando os governos devem aumentar os gastos. Com isso, as

pressões inflacionárias aumentam e dificultam o trabalho do BC para fazer a inflação convergir para meta, ou seja, limita uma queda mais forte da Selic.

De acordo com o comunicado do Copom, as projeções para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) seguem acima do centro da meta, de 3%. Neste ano, o indicador da inflação oficial deve subir 4,8%, acima do teto da meta, de 4,5%. Em 2026,

passará para 3,6%, e, no primeiro trimestre de 2027, para 3,4% — acima das projeções do mercado, de 3,2%, segundo o economista-chefe da XP Investimentos, Caio Megale.

O economista da XP destacou que essa projeção acima do mercado para o IPCA para os próximos 18 meses, o chamado horizonte relevante, e a sinalização de que uma alta de juros não foi descartada, foram os dois pontos

“um pouco mais duros do que a média do mercado esperava” no comunicado do BC.

Com a manutenção da taxa Selic no maior patamar dos últimos 21 anos desde julho deste ano, a decisão do Copom fez com que o Brasil continuasse na segunda colocação do ranking global de juros reais (descontada a inflação), atrás apenas da Turquia (12,34%), conforme levantamento da MoneYou e Lev Intelligence.



O Comitê enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e que não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso julgue apropriado”

Banco Central, em comunicado após a reunião do Copom

Setor produtivo

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) criticou a decisão do Banco Central e destacou que os juros elevados aprofundam os desafios enfrentados pela indústria nacional, “que acumula quatro meses consecutivos sem crescimento na produção”. “O atual patamar de juros revela uma preocupante e persistente falta de confiança na indústria brasileira, que já dura nove meses”, destacou a nota da entidade.

A Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg) reforçou as críticas à decisão do BC e alertou que os juros no patamar de 15% “são uma barreira para o consumo, o investimento e a competitividade”. Contudo, reconheceu que “uma queda estrutural dos juros passa pelo equilíbrio das contas públicas e pela coordenação entre política fiscal e monetária, para contribuir para a queda dos juros”.

Divulgação/Fed



Powell, presidente do Fed, informou que decisão não foi unânime

Decisão do Fed anima mercado

O Ibovespa alcançou, ontem, um novo recorde, ao subir 1,06% aos 145.593,63 pontos. Foi o terceiro dia seguido em que o Ibovespa renova recordes de fechamento. O dólar chegou a cair a R\$ 5,2762, mas encerrou a sessão estável em 0,06% a R\$ 5,3012.

Boa parte do otimismo do mercado foi explicado pela decisão do Federal Reserve (Fed) — o banco central americano — de cortar os juros em 25 pontos-base, para a faixa entre 4% a 4,25% ao ano.

Em entrevista coletiva, o presidente do Fed, Jerome Powell, reforçou que não houve apoio generalizado para que o corte fosse maior e sinalizou que o ritmo dos novos cortes será moderado. “Fizemos aumentos e cortes muito grandes nos juros nos

últimos cinco anos, e tendemos a fazer isso quando sentimos que a política monetária está fora do lugar e precisa mudar rapidamente para um novo patamar”, afirmou.

No comunicado, o Fed reforçou que “indicadores recentes sugerem que o crescimento da atividade econômica moderou-se no primeiro semestre”. “O crescimento do emprego desacelerou e a taxa de desemprego subiu ligeiramente, mas permanece baixa. A inflação subiu e permanece relativamente elevada”, destacou o documento.

O Comitê busca atingir o máximo de emprego e inflação a uma taxa de 2% no longo prazo, mas a inflação segue pressionada em 2,9% no último mês. “A incerteza quanto às perspectivas econômicas permanece

elevada. O Comitê está atento aos riscos para ambos os lados de seu duplo mandato e avalia que os riscos negativos para o emprego aumentaram”, acrescentou a nota.

A decisão de corte era esperada pelo mercado e, agora, a expectativa dos analistas é de mais dois cortes nos juros básicos norte-americanos de mesma magnitude, para 3,75% a 4% ao ano até dezembro, lembrou Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos. “O Fed ainda sinalizou que pode realizar mais um corte no início de 2026, mas como temos visto que o banco central norte-americano tem mudado bastante ao longo deste ano, ainda poderá haver um corte a mais para os juros chegarem a 3% até 2027”, destacou.

Na avaliação de Cruz, nas próximas reuniões, provavelmente, haverá novos diretores como Stefan Miran, defendendo cortes maiores e as pressões podem aumentar. Para ele, o comunicado do Fed não apresentou grandes mudanças em relação às anteriores além das novas projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) e para o mercado de trabalho.

O economista da RB destacou também que o banco central norte-americano ainda manteve em 3% a previsão para a inflação deste ano e elevou a estimativa para o indicador no ano que vem de 2,4% para 2,6%. Para ele, vai ser desconfortável para o Fed manter o ciclo de corte de juros se a inflação persistir elevada. (RH)

COMÉRCIO EXTERIOR

Estímulos para a exportação

O mundo aguarda os micro e pequenos empreendedores. Essa parcela importante da economia brasileira tem a oportunidade de ingressar no mercado internacional — e há várias políticas públicas e ferramentas disponíveis para alcançar esses consumidores.

Essa foi a mensagem do vice-presidente e ministro da Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, no evento “Os Pequenos também exportam”, realizado na terça-feira, em Brasília.

“O Brasil tem um comércio exterior importante, mas a

exportação é muito concentrada em petróleo bruto, soja, minério de ferro, carnes, açúcar, celulose, café. É fundamental que a gente traga para a exportação as pequenas empresas, para que elas possam crescer mais depressa, ter escala. A Itália é um bom

exemplo de um país em que pequenas empresas exportam bastante”, disse Alckmin, na abertura do encontro.

O vice-presidente Alckmin elencou um conjunto de políticas públicas que contribuem para a inserção do micro e pequeno empreendedor no comércio global. Alckmin considera essencial avançar em acordos comerciais. Citou o acordo

Mercosul-Efta, assinado na terça-feira no Rio de Janeiro, o acordo Mercosul-União Europeia, e a ampliação das transações comerciais com o México. Mencionou o programa Acredita Exportação, voltado para as pequenas empresas se tornarem mais competitivas.

Em 2024, a Apex Brasil ajudou mais de 20,5 mil empresas a se inserirem no mercado internacional,

sendo 54,2% de micro e pequeno porte — um crescimento de 50% em relação ao ano anterior. A CNI, por sua vez, atua no apoio a empresários interessados em acessar mercados globais por meio das 27 federações de indústrias dos estados e do Distrito Federal.

Promovido pela CNI e pela Apex Brasil, o evento “Os Pequenos também exportam” teve transmissão do canal SBT News.